

O TEMPO

ENTREVISTA

Voando com asas digitais

"Magazine" entrevista a dançarina, coreógrafa e pesquisadora Thembi Rosa



PUBLICADO EM 04/05/14 - 03h00

Daniel Oliveira

Atualmente explorando os limites do movimento na obra “Escadaadentro”, no File, e no projeto “Parquear” com o coletivo Dança Multiplex, Thembi Rosa não pode mais ser considerada apenas uma bailarina. Mestre em dança pela UFBA, a artista fala abaixo sobre a necessidade de dialogar com outras linguagens e a relação entre dança e tecnologia em seu trabalho.

- **Como nasceu o projeto do “Escadaadentro”?**

Desde 2011 que eu comecei a entrar mais a fundo no meio das artes digitais. O “Escada” foi um projeto que fiz na sala Maristela Tristão em 2012, como parte da minha pesquisa “Parâmetros em Movimento”, viabilizada pelo Cena Minas. A ideia era ocupar todos os espaços da galeria, e tinha essa escada da saída de emergência. A obra surgiu como um site specific para ocupar aquela escada, que

nunca foi usada exatamente porque é de emergência. Mas com a projeção, seria viável porque não impede a saída. A diretora da sala deixou que a gente ficasse uma semana: eu pensando em como adaptaria minha movimentação contínua no chão, práticas de aquecimento de dança quase, para encaixar na ideia da escada, e o Lucas Sander, que convidei para trabalhar a projeção e dar o efeito de estar saindo da parede.

- **A obra que está exposta no File sofreu algumas alterações. Como foi negociar essas mudanças com a organização do festival?**

Eles comentaram a vontade de fazer uma escada extensa, móvel, e eu fiquei apreensiva a princípio porque já havia mandado o projeto para vários lugares, sempre na ideia de site specific. E reconstruir o vídeo adaptando em outra escada foi muito rápido. Mas eles fizeram na mesma medida, mantendo a proporção do tamanho do corpo com o tamanho da escada, o que foi importante. E vira um outro trabalho, ganha a independência interessante de uma escultura, uma superfície de projeção que pode ser levada para qualquer lugar. Gostei do resultado, mas ao mesmo tempo, ainda fica uma inquietação. Mas o legal é como ela se integra na exposição com as obras da Rejane Cantoni e da Karina Smigla-Bobinski, que também trabalham o corpo.

- **O projeto mistura dança com vídeo, assim como seus outros trabalhos que sempre dialogam com linguagens diferentes. Qual a importância dessa mistura no seu processo criativo?**

Isso vem da minha formação. O primeiro grupo de que participei, entre 1993 e 1996, foi o Oficina Multimídia, praticamente minha escola. E é mais por uma inquietação de não me satisfazer só com a dança também. De realmente ter essa necessidade de dialogar com as outras áreas e de me identificar com os artistas que eu tenho como referência e têm essa característica mais interdisciplinar. Depois do Multimídia, o primeiro trabalho que fiz com a Adriana Banana, do FID, também envolvia Super-8. Na mesma época, eu tinha ido para a Bélgica fazer uma audição para entrar na Escola Rosas, que tem essa característica de trabalhar com um mix de linguagens: música, cinema, filosofia. Sempre tive esse interesse e fui encontrando parceiros ao longo da vida que viabilizavam os projetos. Para mim, a dança nunca esteve dissociada dessas outras mídias.

- **Tecnologia, softwares e novas linguagens também têm sido marcas presentes no seu trabalho. Como é sua relação com essas interfaces?**

Eu, na verdade, não sei programar nada. Só consigo fazer isso com o Manuel Guerra, que é quem tem feito os softwares desses trabalhos. Ele tem um jeito de desmistificar isso um pouco para mim, fala como se fosse receita de bolo. E as possibilidades que essas tecnologias abrem são viciantes. Uma vez que você começa, não dá para mexer só um pouquinho. Eu trabalho mais com improvisação, e a gente vai criando esse jogo em que a tecnologia afeta a movimentação, que afeta o software. A coisa não fica estagnada. Meu principal interesse em trabalhar com dança e tecnologia é criar uma série de restrições da movimentação, no diálogo com a interface. Tem que seguir uma série de parâmetros. Isso me permite acessar o movimento de outro jeito porque, quando você cria uma restrição, ela te permite avançar e propor coisas novas. Uma coisa totalmente aberta tende a se perder, ficar muito à deriva. Quando se descobre a conexão entre a tecnologia, a linguagem musical e a coreografia, esse diálogo se intensifica e vai mudando certos padrões do movimento e da música que estão muito estabelecidos. É a ideia de não ficar numa zona de conforto, de ir a esse lugar do risco e do erro sempre. E cria uma tensão porque computador dá bode o tempo inteiro. Como você lida com essa frustração também cria vida, faz parecer outra coisa.

- **Você também está apresentando o projeto “Parquear” com o coletivo Dança Multiplex.**

Existe algum paralelo na pesquisa e nas investigações dos dois trabalhos?

Eles são bem diferentes. O “Parquear” é uma proposta da Margô Assis. Ela mora do lado do Parque das Mangabeiras e dava aula de alongamento, essas coisas, lá. Tem uma escola para crianças ali dentro, onde a gente começou a se encontrar todo fim de semana, desde 2011. A proposta era tentar fugir do espaço trancafiado da sala de ensaio e ver o que dava para desenvolver nesses novos lugares. Perceber o que essa mudança provocaria na gente e como ocupar esses espaços lindos na cidade e que muitas vezes a gente não usufrui.

- **Os dois coincidem em levar a dança para fora do espaço do palco. Isso é inevitável para evoluir e expandir suas possibilidades?**

Desde 2008, tenho tido esse desejo de sair do teatro e dialogar com um público mais diversificado. Minha orientadora do mestrado na UFBA, Fabiana Britto, trabalha com a ideia de corpografias. Existe uma garantia de levar uma obra para a caixa preta. Por mais que cada teatro seja de um jeito, o grau de variação a partir do momento em que se propõe a colocar o trabalho em outro lugar é muito maior. O risco aumenta e a obra se modifica completamente. Você encontra novas possibilidades no diálogo com o que esses espaços te propõem. Tem horas que é super desafiador, às vezes estressante, mas em geral tem surpresas muito lindas. O “Parquear” é isso. Apresentamos no Itacaré, na Praça da Liberdade, e o projeto começa a fazer parte daquele lugar. Mas isso, na verdade, é muito do foco e do interesse de cada criador e cada artista. Admiro muito quem vai a fundo numa investigação coreográfica mais rica. É a história e a linha de cada um que ativa isso.

- **Você já atua como coreógrafa e bailarina há 20 anos. Como você avalia a evolução da dança em BH nesse período e como ela se encontra hoje?**

Ainda não existe uma política cultural para a dança, nem para as artes em geral. O patrocínio e as leis são cada vez mais difíceis de captar para projetos independentes e de pesquisa. Com isso, a capacidade artística fica no limbo e na pura insistência de quem continua. Não há nada que garanta uma continuidade mínima dos projetos. Grupos como o Cena 11, com 20 anos de pesquisa, cai o patrocínio da Petrobras e acabou. Em comparação, por mais que a Europa esteja em crise, existem centros coreográficos e as coisas não morrem lá.

- **E quais os próximos projetos?**

Existe uma proposta de instalação dentro do “Parâmetros em Movimento” no Sesc-São Paulo. Vamos apresentar o “Parquear” em Inhotim, em julho. E eu tenho um projeto da lei estadual, que é uma residência em arte e tecnologia. A ideia é trazer seis pessoas de várias partes do mundo que trabalham com isso. Cada um deles desenvolveria novos trabalhos em residências mensais e em projetos colaborativos com artistas de fora. No fim, haveria uma mostra dos projetos desenvolvidos e uma publicação. Mas ainda estou à procura de um mecenas. E estou com vontade de fazer doutorado, pensar essas interfaces dentro da tecnologia.

O que achou deste artigo?

[2](#)
[4](#)
[6](#)
[8](#)
[10](#)